



Sessão Magna

CLUBE NAVAL CELEBRA O DIA DA MARINHA E OS SEUS 139 ANOS

Na noite de 11 de junho, o Clube Naval realizou Sessão Solene alusiva ao Dia da Marinha, ainda em formato restrito, para homenagear os heróis que nesta data, há 158 anos, garantiram a vitória na Batalha Naval do Riachuelo, e também para comemorar os 139 anos de fundação do Clube.

A cerimônia teve início às 20h, com a apresentação da Mesa composta pelo então Presidente do Clube Naval, Almirante de Esquadra (Refº) Luiz Fernando Palmer Fonseca, pelo Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Marcos Sampaio Olsen, pelo Presidente eleito para o biênio 2023-2025, Almirante de Esquadra (Refº) João Afonso Prado Maia de Faria, pelos ex-Ministros da Marinha, Almirante de Esquadra (Refº) Alfredo Karam e Almirante de Esquadra (Refº) Mauro Cesar Rodrigues Pereira, pelo Presidente do Clube de Aeronáutica, Major Brigadeiro do Ar Marco Antonio Carballo Perez, e pelo Presidente do Clube Militar, General de Brigada Sérgio Tavares Carneiro.

Após a execução do Hino Nacional, foi convidada a Professora Jéssica de Freitas e Gonzaga da Silva para proferir a alocução comemorativa.

Em seguida, realizou-se a premiação da edição de 2023 dos Concursos "Almirante Jaceguay" e "Marquês de Tamandaré", cujos temas foram, respectivamente, "Marinha do Brasil: rumo a 2040" e "Almirante Luiz da Cunha Moreira, Visconde de Cabo Frio".

Após a premiação, foi realizada a transferência do cargo de Presidente do Clube Naval, dando posse ao novo Presidente, à Diretoria e aos Conselheiros eleitos na Assembleia Geral Ordinária do dia 18 de maio de 2023.

O evento foi transmitido ao vivo e está disponível no Canal do Clube Naval no YouTube. ■



Para assistir à Sessão Magna, acesse o QR code



Almirante Palmer entrega o prêmio ao CF (RMI-T) Mário Roberto de Souza Lima, vencedor do Concurso "Marquês de Tamandaré"



A CC (IM) Pauleniza de Castro Predes, representando o CC (EN) Marcelo de Oliveira Predes, recebe do Comandante da Marinha o prêmio de vencedor do Concurso "Almirante Jaceguay"



Almirante Palmer transfere o cargo de Presidente do Clube Naval ao Almirante Prado Maia



ALOCUÇÃO PROFERIDA PELA PROF.ª. JÉSSICA GONZAGA

"The Great Naval Battle in South America⁽¹⁾": as narrativas internacionais sobre a Batalha do Riachuelo

A história discutirá a importância dessa vitória, que, a não ser nossa, daria aos paraguaios o domínio no Rio da Prata, até que lenta e dificilmente obtivéssemos a vitória⁽²⁾, escreveu o Ministro da Marinha, Francisco de Paula da Silveira Lobo em seu relatório do ano de 1865. É consenso a interpretação sobre o caráter decisivo da Batalha Naval do Riachuelo para a vitória aliada durante a Guerra da Tríplice Aliança, assim como o seu papel identitário na construção da história naval brasileira. Renuncia-se a uma explanação descritiva nacional a fim de propor uma exposição analítica sobre como esse episódio foi retratado sob a perspectiva do outro, ou seja, o

estrangeiro, a fim de contribuir com subsídios para entender a força que as narrativas históricas possuem na projeção de poder, no simbolismo e no caráter diplomático de uma Força Naval. A história é como o mar: nos liberta e nos convida a navegar em direção a novos horizontes. Conforme escreveu a poetisa norte-americana Emily Dickinson: "Não há melhor fragata que um livro para nos levar a terras distantes⁽³⁾".

O período oitocentista foi marcado pela ascensão dos Estados Nacionais e transformações no *modus operandi* da guerra. Ao avaliar esse fenômeno, o estrategista Clausewitz reconheceu o conflito armado como um instrumento da política com fins violentos. Infelizmente, não viveu o bastante para vislumbrar o impacto da Primeira Revolução Industrial no âmbito político, tático e estratégico. A partir das guerras napoleônicas, um novo fenômeno abalou as estruturas do ocidente: as guerras totais cujo con-

ceito foi construído a partir da análise histórica de como a guerra, orientada pelos objetivos políticos, estabelecidos pelos interesses nacionais, emprega a mobilização social e a tecnologia industrial para ampliar sua capacidade de violência, sem distinção do inimigo combatente ou não combatente. Como resultado, é responsável por transformações no seio das relações civis-militares mediante a profissionalização das Forças Armadas, ao mesmo tempo que foi também responsável pela ascensão do militarismo.

Durante a modernidade, a Guerra da Crimeia (1853-1856), a Guerra Civil-Americana (1861-1865), a Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai (1865-1870) e as Guerras de Unificação da Alemanha (1864-1870) refletiram como as novas inovações ampliaram o potencial de extermínio e introduziram novos atores civis com capacidade de influenciar no conflito. Principalmente após o advento da fotografia, o papel da imprensa ficou evidente, mediante a formação de uma opinião pública.

As narrativas, sobretudo, das guerras e dos heróis nacionais detinham a função política de forjar as identidades das comunidades imaginadas⁽⁴⁾, fortalecer a ideologia do Estado e estimular o patriotismo. Nesta conjuntura, um discurso historiográfico também era construído, articulando a história com as questões nacionais, corroborando com a relevância das Forças Armadas nesse processo. Ao lado das obras, a imprensa internacional também passava a apresentar e discutir as questões afetas às guerras, à ciência e à tecnologia voltada para o desenvolvimento dos Exércitos e das Marinhas⁽⁵⁾.

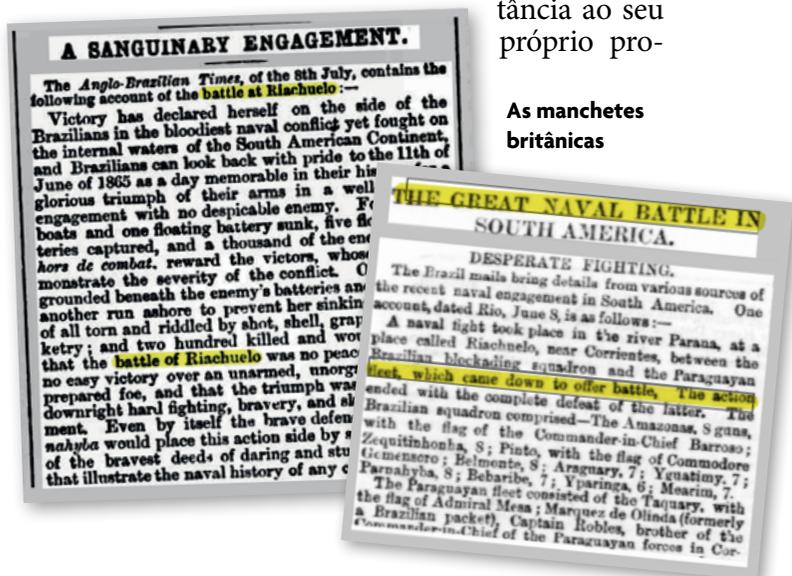
Nos anos de 1850, as guerras totais revelaram as transformações no campo da estratégia naval. As marinhas de guerra estavam experimentando um desenvolvimento ainda na propulsão mista (vela e vapor), quando foram acrescentados novos armamentos, e um novo sistema defensivo, a couraça de ferro. Esses confrontos tornaram-se um espaço de experiência das Forças Navais, que viabilizaram um horizonte de expectativa no qual sua função estratégica ampliou-se, quando obteve maior capacidade ofensiva, tornando-se instrumento diplomático e militar cuja prática foi executada na adoção da diplomacia das canhoneiras a partir da segunda metade do século 19. Como brilhantemente observado por Machado de Assis em sua crônica: “Balzac, notando um dia que os marinheiros quando andam em terra bordejam sempre, encontrou nisso a razão de se irem empregan-

do alguns homens do mar na arte diplomática. Donde se conclui que o marinheiro é a crisálida do diplomata⁽⁶⁾”.

As grandes potências europeias, ao reforçarem a importância do domínio das comunicações marítimas para a formação e manutenção dos seus impérios, apoiaram seu poder também no simbolismo de seus navios. Na paz, usavam sua capacidade dissuasória mediante a demonstração de sua capacidade ofensiva a partir dos elementos visíveis do material flutuante e, quando necessário, da ameaça da guerra. Diante da impossibilidade de resolver a controvérsia de modo pacífico, os objetivos políticos e econômicos eram alcançados por meio da batalha naval decisiva.

A escrita da história e o papel da imprensa na formação da opinião pública, na era das guerras totais, tornaram-se dois recursos estratégicos explorados pelo Estado a fim de perpetuar seu poder no cenário internacional como também pelas próprias instituições militares com o propósito de reforçar seus papéis como agente executor dessa política.

Nessa conjuntura histórica, encontrava-se a Armada Imperial que, desde 1838 era incluída como parte integrante de um projeto político de fortalecimento da instituição monárquica não somente na manutenção da ordem interna, mas no âmbito regional e global, a fim de executar junto ao corpo diplomático uma política externa ativa para, nas palavras do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Visconde do Uruguai, “fazermos fortes, importantes e conhecidos⁽⁷⁾”. Quando a Guerra da Tríplice Aliança abalou a América do Sul, a Marinha Imperial experimentou sua primeira e única guerra total como principal ator beligerante e desempenhou funções políticas e militares para garantir a vitória, em concomitância ao seu próprio pro-



As manchetes britânicas

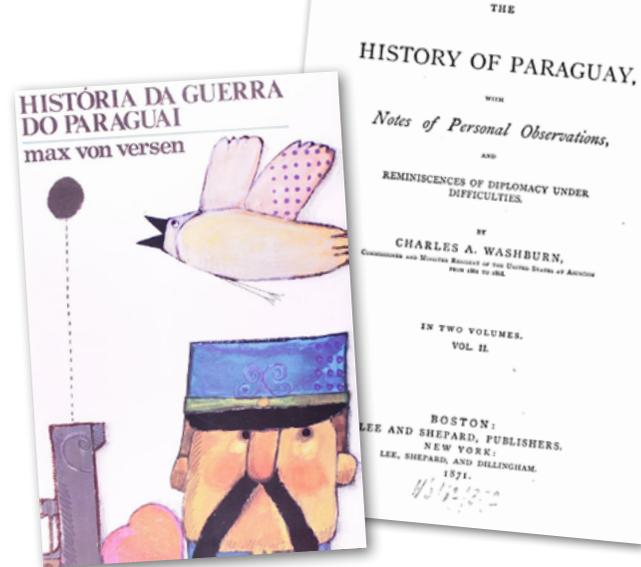
cesso de modernização e consolidação como uma Força Naval da era do vapor e do ferro. A Batalha do Riachuelo foi um importante feito que não só garantiu a destruição de grande parte da esquadra inimiga e o estabelecimento do bloqueio naval no Rio Paraná, mas também demonstrou a capacidade tática, estratégica e política da Armada Imperial. A sua atuação foi então retratada em diferentes obras memorialísticas escritas por estrangeiros que testemunharam o conflito e, além disso, foi divulgada pela imprensa internacional.

No recém-criado Império Alemão, resultado das Guerras de Unificação, ao final da década de 1870, o mercenário prussiano, o Major Max Von Versen escreveu a obra *História da Guerra do Paraguai*, encomendada pela Sociedade Militar e o Grêmio Científico de Berlim. Apesar de suas críticas às operações militares aliadas, devido à sua prisão pela Marinha Imperial quando tentava seguir para Assunção, desrespeitando o bloqueio, a batalha do Riachuelo foi relatada reforçando a superioridade da Força Naval perante os erros táticos dos paraguaios:

Para a flotilha paraguaia, a única probabilidade de sucesso consistia na abordagem, mas o Capitão Mesa cometeu grande erro de tática. Devia, aproveitando o impulso da corrente, vir emparelhar-se imediatamente com os navios brasileiros: ao invés disso, resvalou por eles, fazendo fogo e pondo-lhes um vapor fora de combate. Foi parar quilômetro e meio mais abaixo e, subindo depois, atirou-se sobre o inimigo que, deste modo, teve tempo de se dispor para a luta e de ir-lhe ao encontro. Não tardou a manifestar-se a superioridade da artilharia e dos navios brasileiros⁽⁸⁾.

Cabe ressaltar que essa “superioridade” ficou evidente após a volta tática da Esquadra e ao emprego decisivo da Fragata “Amazonas”. É interessante que os aspectos táticos da Guerra do Paraguai foram alvo de estudo para um Império em busca do exercício de uma hegemonia cujas Forças Armadas adotaram um imperialismo da estratégia perante a política, rompendo com Clausewitz, defendendo que “Quando a guerra é decidida, o propósito militar se substitui aos fins políticos⁽⁹⁾”. Portanto, o interesse germânico na guerra total sul-americana pode ser justificado a partir do pensamento do pai da *Realpolitik* Otto Von Bismarck: “Os tolos dizem que aprendem com a experiência. Eu prefiro tirar proveito da experiência alheia⁽¹⁰⁾”.

Houve quem aventurou-se em escrever narrativas controversas sobre a atuação da Marinha



Imperial, fornecendo a nós historiadores a excitação necessária para executar a análise interna dos testemunhos, iniciando pela hermenêutica e procedendo à crítica externa⁽¹¹⁾. O representante dos Estados Unidos em Assunção, o diplomata Charles Washburn escreveu a obra *The History of Paraguay with notes of personal observations and Reminiscences of Diplomacy under difficulties* em 1871. O autor narrou a atuação da Fragata “Amazonas”, reduzindo o papel de Francisco Manuel Barroso mediante a descrição de um sentimento de medo que haveria tomado conta do oficial, impedindo-o de realizar qualquer liderança na manobra: “O Almirante estava assustado demais para dar uma ordem. Ele sentou-se em sua cabine, literalmente paralisado, com medo e impossibilitado de falar. Quando invocado por um subordinado para dar ordens à frota, ele ficou parado e sem palavras (tradução livre)⁽¹²⁾”. Após justificar a imobilidade do chefe de Divisão, atribuiu ao piloto do navio a autoria da manobra:

A Esquadra, no entanto, tendo descido novamente, deu meia-volta, se posicionou e avançou entre os paraguaios. Foi um homem corajoso o responsável por mudar o destino do dia e converter o que de outra forma teria sido uma derrota vergonhosa em uma vitória notável. Este era um italiano, o piloto da Amazonas. Vendo tudo a favor dos paraguaios e ninguém para dar ordens, assumiu a responsabilidade de agir sem eles (tradução livre)⁽¹³⁾.

Na historiografia naval brasileira, foi comprovada que essas narrativas são inverossímeis. A manobra de abalroamento foi idealizada e supervisionada por Francisco Manuel Barroso, a partir dos conhecimentos do prático Bernardino Gustavino. Portanto, respeitava-se a ordem de seu comandante conforme a hierarquia a

bordo. Mas, afinal, o que está por trás do discurso do diplomata norte-americano?

O seu discurso almeja reduzir o papel protagonista da Marinha Imperial visto que ele foi alvo da Força Naval brasileira que atrasou seus planos de chegada à República do Paraguai. Desde abril de 1866, o representante norte-americano almejava iniciar a viagem para assumir seu posto na capital. No entanto, o Vice-Almirante Tamandaré negou a passagem:

Respondi-lhe que não podia permitir sua passagem que começadas as operações vivas contra o território inimigo eu não podia consentir na passagem de pessoas ou navios de qualquer classe, categoria, ou nação que fossem; mantendo assim em toda a sua plenitude o direito que tem o Império de hostilizar o Paraguai por todos os meios ao seu alcance compatíveis com o nosso estado de civilização ⁽¹⁴⁾.

O Comandante em Chefe da Esquadra, nomeado também como diretor político tomou sua decisão conforme sua percepção de ameaça:

Acrescentei que, não havendo no Paraguai súditos da União, a ida do ministro só produziria animar a vaidade do presidente Lopez, que fazia crer a seus miseráveis soldados que contava com o apoio da União Americana, de modo que esses desgraçados, imbuídos nesta ilusão, tornariam mais encarniçada a resistência contra a cruzada civilizadora da tríplice aliança ⁽¹⁵⁾.

Verifica-se, portanto, que detrás dessa narrativa está um testemunho que não é imparcial e ao executarmos a crítica sobre ele, vislumbra-se uma Força Naval brasileira que atuava de forma realista a fim de garantir a manutenção do poder do Estado brasileiro no teatro de operações.

Retomando ao 11 de junho, escreveu o Ministro da Marinha: “o combate de Riachuelo, ato de bravura, ousadia e inteligência de um chefe venerável, e de alguns jovens comandantes, mereceu descrição minuciosa, e a crítica profissional dos primeiros jornais da Europa ⁽¹⁶⁾”. No Império Britânico, maior do mundo e erguido sob um poderoso poder naval, diversos veículos difundiram os feitos da Armada Imperial. Na Escócia, o jornal *Dundee Advertiser* a retratou como “a maior batalha da América do Sul”, destacando os seguintes aspectos: a manobra da Fragata “Amazonas”, o heroísmo dos soldados brasileiros ao executarem a abordagem contra os navios paraguaios e a relevância da batalha

avaliada pelos escoceses como: “a derrota completa dos paraguaios” após o aniquilamento.

Até na Oceania, os feitos heroicos da Esquadra brasileira em Riachuelo foram anunciados, permitindo que o poder do Império do Brasil fosse divulgado até na Nova Zelândia. O jornal *Lyttelton Times*, na cidade de Christchurch escreveu “*The Battle of Parana*” no qual promoveu a análise da importância estratégica. Inicialmente, exaltou a bravura dos Comandantes Barroso e Gomensoro e os “efeitos políticos do confronto” para o Brasil tendo em vista que a ação da Marinha Imperial impediu que Solano López capturasse os navios e obtivesse o comando do rio e acesso marítimo. Caso contrário, o Presidente paraguaio poderia realizar seus desígnios e ameaçar as cidades platinas e o Brasil em caso de conquista do domínio do mar ⁽¹⁷⁾.

Na Inglaterra, o *Trowbridge Chronicle* publicou o artigo intitulado “*A Sanguinary Engagement*”, demonstrando a importância desse conflito:

A vitória declarou-se ao lado dos brasileiros no mais sangrento conflito naval já travado nas águas internas do continente sul-americano, e os brasileiros podem olhar com orgulho para o dia 11 de junho de 1865 como um dia memorável em sua história por um glorioso triunfo de suas armas em um confronto bem disputado sem nenhum inimigo desprezível. Os feridos testemunham que a batalha do Riachuelo não foi um desfile pacífico, nem uma vitória fácil sobre um inimigo desarmado, desorganizado ou despreparado, e que o triunfo foi o resultado de uma luta dura, bravura e gestão hábil ⁽¹⁸⁾.

Vislumbra-se, portanto, um reconhecimento internacional obtido pela Marinha Imperial, inclusive, pela opinião pública da então maior potência naval do mundo. Nesse sentido, a batalha do Riachuelo contribuiu para reforçar o respeito à Esquadra, portanto, o seu simbolismo. Conforme o *Trowbridge Chronicle*: “esta ação deve estar lado a lado com alguns dos mais bravos feitos de heroísmo ousado e obstinado que ilustram a história naval de qualquer país ⁽¹⁹⁾”.

O estrategista norte-americano Liddell Hart defende a importância da história para os estudos estratégicos. Segundo ele: “seu valor prático é preponderante para a formação e desenvolvimento mental do militar ⁽²⁰⁾”. Nessa relação entre presente-passado, 158 anos depois, identificar a origem da Marinha do Brasil, respeitar sua história e defender sua memória é perpetuar um

legado de protagonismo no desenvolvimento da consciência marítima nacional, conforme o objetivo da contemporânea Política Nacional de Defesa. Parafraseando o ex-Presidente francês Charles De Gaulle, todos possuem uma “*Une certaine idée*”⁽²¹⁾ da Marinha brasileira, conforme demonstrado. Mas, afinal, qual ideia que nós, brasileiros, devemos ter? Uma Força Naval cuja história foi marcada por glórias e difundida nos confins do mundo, é capaz, no presente, de usar seu passado para corroborar sua capacidade dissuasória e afirmar-se como um instrumento soberano e invicto de poder do Brasil no âmbito internacional. ■

REFERÊNCIAS

- (1) “A maior batalha naval da América do Sul” (tradução livre). S/A. The great naval battle in South America. In: Dundee Advertiser. Escócia, 07 ago. 1865. In: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE. Disponível em: <https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000295/18650807/038/0004>, acesso 04 mar. 2023.
- (2) MINISTÉRIO DA MARINHA. *Relatório do ano de 1865 apresentado pelo Ministro Francisco de Paula da Silveira Lobo apresentado à Assembleia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1866, p. 11.
- (3) DICKINSON, Emily. *The complete poems of Emily Dickinson*. Massachusetts: Back Bay Books, 1976, p. 125.
- (4) ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 32-33.
- (5) ARIAS NETO, José Miguel. Imprensa Militar: guerra e transferência da tecnologia para a Marinha no Brasil Oitocentista. In: RIBEIRO, Gladys Sabina; CAMPOS, Adriana Pereira. (org.). *História sobre o Brasil no Oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2016, p. 227.
- (6) ASSIS, Machado. Crônicas. In: *Cadernos do CHDD*. Brasília: Editora Alexandre de Gusmão, ano 7, v. 12, 2008, p. 332.

- (7) Ver: AUBERT, Pedro Gustavo. 'Fazermos-nos fortes, importantes e conhecidos': o Visconde do Uruguai e o direito das gentes na América (1849-1865). 2017. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2017.tde-06062017-132617. Acesso em: 2023-06-05.
- (8) VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: USP, 1976, p. 78.
- (9) BERNHARDI, Friedrich. In: COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Tratado de Estratégia*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010, p. 90.
- (10) HART, B. H. Liddell. *As grandes guerras da história*. São Paulo: IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1963, p. 03.
- (11) CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: _____. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 375.
- (12) Ver: WASHBURN, Charles A. *The History of Paraguay with notes of personal observations and Reminiscences of Diplomacy under difficulties*. Boston: Lee and Shepard Publishers, 1871, v. 2, p. 72.
- (13) *Idem*.
- (14) 1866, 04, 09. Ofício do Comandante em Chefe das Forças Navais, Vice-Almirante Tamandaré à Missão Especial sob chefia de Francisco Otaviano Rosa. In: MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS. Op. Cit., p. 28.
- (15) *Idem*.
- (16) MINISTÉRIO DA MARINHA. Op. Cit.
- (17) S/A. The Battle of Parana. In: *Lyttelton Times*, 30 out. 1865. In: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE. Disponível em: <https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0003346/18651030/041/0003>, acesso em 05 mar. 2023.
- (18) S/A. A Sanguinary Engagement. In: *Trowbridge Chronicle*, Londres, 12 ago. 1865. In: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE. Disponível em: <https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0004281/18650812/016/0002>, acesso em 05 mar. 2023.
- (19) *Idem*.
- (20) HART, B. H. Liddell. Op. Cit. p. 04.
- (21) “uma certa ideia” (tradução livre). Ver: JACKSON, Julian. *De Gaulle: Une certaine idée de la France*. Paris: Seuil, 2019.

DISCURSO DE PASSAGEM DA PRESIDÊNCIA PROFERIDO PELO ALMIRANTE PALMER

Há 137 anos, em 11 de junho de 1886, era realizada no Clube Naval, com a presença do Imperador Dom Pedro II, a primeira Sessão Magna comemorativa aos heróis da Batalha Naval do Riachuelo, dando origem ao fato de estarmos aqui hoje reunidos, o que de modo eloquente mostra o zelo que o nosso Clube tem para com as tradições e para com a Marinha.

Não poderia ser outro, portanto, o sentimento de orgulho que sinto por ter tido a honra de presidir esta centenária Instituição nos últimos dois anos e de passar a compor a lista dos Chefes Navais que tiveram o privilégio de fazê-lo.



Ao longo da nossa gestão procurei manter fidelidade às propostas da plataforma com a qual fomos eleitos. Não julgo adequado elencar realizações, mesmo porque elas se devem muito mais aos membros da Diretoria, assessores e funcionários. Entretanto, penso ser importante registrar aqueles princípios e objetivos que nos nortearam, por acreditar que eles continuarão a orientar a administração do Clube. Nesse sentido, o estreito vínculo com a Marinha; a aproximação com a jovem oficialidade; o incentivo ao conceito de Praça d'Armas da Reserva; a satisfação do sócio e o princípio de um só clube, administrado de modo integrado e que tem no Presidente seu maior responsável, balizaram nossos objetivos, dentre os quais destaco: os aprimoramentos dos planejamento, execução e controle orçamentário e financeiro; do controle interno; da atividade de comunicação social; da gestão dos recursos humanos; da gestão e proteção dos dados, da adequação às normas ambientais e de segurança; dos processos jurídicos, assim como o estímulo às atividades culturais e artísticas, à efetivação dos Grupos de Interesse, às atividades náuticas e à valorização dos funcionários.

Todas essas ações foram diretamente executadas ou supervisionadas pelos membros da Diretoria a quem expresse sinceros agradecimentos e admiração pelo trabalho abnegado que dia a dia concretizaram. Menciono, em especial, os Almirantes Lawrence e Lima que, como Vice-Presidentes, me assessoraram diretamente e que muito realizaram para aprimorar a administração do Clube.

Aos nossos funcionários, externo meu muito obrigado pela maneira dedicada e harmoniosa com que desempenharam suas funções, o que certamente demonstra espírito de corpo e se reflete na satisfação dos sócios.

Expresse meus agradecimentos, também, aos membros do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal, em especial aos seus presidentes, respectivamente, o Almirante de Esquadra Prado Maia e o Vice-Almirante Menezes, pelo zelo e presteza com que executaram suas atribuições, em muito contribuindo para facilitar a administração do Clube e para mantê-la dentro dos limites estatutários.

Manifesto um agradecimento especial aos Presidentes dos Clubes Militar e de Aeronáutica, respectivamente, General de Brigada Sérgio e Major Brigadeiro do Ar Perez, pela camaradagem e cooperação no trato dos assuntos comuns às nossas Instituições ao longo dos últimos dois anos. No âmbito da

Comissão Interclubes, tenho certeza de que nossas constantes interações, principalmente nos momentos sensíveis da Política Nacional, foram fundamentais para o alcance do propósito da Comissão, bem como para expressar a posição dos Clubes perante a sociedade. Muito agradeço também aos membros integrantes daquela Comissão, pela assessoria sempre leal e oportuna com que nos brindaram.

Não posso deixar de registrar meu agradecimento àqueles que representam a razão de ser do Clube Naval, nossos associados. Principalmente aos que souberam entender as medidas restritivas durante a pandemia e aos que participaram construtivamente com suas sugestões, críticas e opiniões, externo o meu muito obrigado.

Cumprindo norma estatutária, a Sessão Magna de hoje destina-se também a empossar Presidente, Diretoria e membros dos Conselhos Diretor e Fiscal eleitos em 18 de maio último, para o biênio 2023-2025. Assim, nesta ocasião, tenho a enorme satisfação de passar o timão ao Almirante Prado Maia, que tenho a certeza saberá, com sua Diretoria, governar nosso barco por rumos seguros e a destinos auspiciosos, mercê de sua reconhecida capacidade intelectual, objetividade e discernimento. O Almirante Prado Maia carrega em seu nome e em suas atitudes belíssimas páginas das tradições da Marinha e deste Clube, as quais, com sua posse, enobrecem ainda mais o culto a essa virtude tão cara a todos nós, marinheiros.

Bons ventos ao novo Presidente e à sua Diretoria! Viva o Clube Naval! ■

DISCURSO DE POSSE DO ALMIRANTE PRADO MAIA

O Alte Palmer deu à chapa de sua campanha à presidência do Clube Naval o título – Nosso Clube. E, por muitas vezes, no relacionamento próximo que tivemos, por força de nossos cargos na administração que passa, fez questão de reafirmar sua convicção de que servimos aos sócios e nosso principal objetivo deve ser que o Clube responda, da melhor maneira possível, às suas aspirações, desejos e necessidades. Tendo tomado posse em plena pandemia, seu foco foi manter o Clube funcionando, dentro do possível, cumpridas as normas e restrições, mas atendendo aos sócios em tudo que estivesse dentro de sua capacidade. Independentemente dessas dificuldades, deixou a sua marca na história do Clube, conse-

guindo avanços na área de gestão administrativa e financeira, e mantendo o padrão de qualidade no atendimento aos sócios. Creio que é justo o registro da habilidade de nossos ex-Presidentes – Almirantes Monteiro Lopes e Palmer – que, com mão firme ao timão, governaram o Clube neste difícil período, conduzindo-o a porto seguro, em meio a mares somente navegados há mais de um século.

Ao ser convidado para substituí-lo, entendi que devia ser o meu objetivo principal a continuidade da gestão modernizadora e aperfeiçoadora que vem sendo aplicada ao Clube; e que testemunhei de perto, ao participar, nos últimos seis anos, do Conselho Diretor, nos últimos dois como seu Presidente. Ao estabelecer a composição de minha chapa e selecionar um lema, foi quase uma decisão natural escolher o mesmo nome que o Almirante Palmer deu à sua chapa, em um claro recado de continuidade e aderência aos rumos que imprimiu ao Clube.

Fui, também, motivado a aceitar seu honroso convite pela oportunidade de retornar ao Clube tudo o que recebi nesses muitos anos em que sou sócio efetivo, já remido nos dias de hoje, além da oportunidade ímpar de, em uma maneira especial, terminar o mandato de meu pai, Alte Newton Braga de Faria, como Presidente do Clube Naval, interrompido por seu falecimento. O fato de termos entre nós, nesta noite, o Almirante de Esquadra Alfredo Karam, concede um brilho especial a esta cerimônia. Ex-Ministro da Marinha, ex-Presidente do Clube Naval, e símbolo e exemplo de Chefe Naval para as gerações de oficiais de Marinha aqui representadas, o Almirante Karam prestigia de modo pessoal o filho do seu amigo Braga, o João Afonso, que viu de calças curtas, e que procura seguir respeitosamente suas águas, atento à esteira do respeitado Chefe Naval.

A data de hoje nos faz rememorar a Batalha Naval do Riachuelo, nas palavras de um ilustre Chefe Naval – “uma batalha importante por aquilo que teve de novidade, reproduzida e difundida na Europa semanas depois, por ter sido uma batalha taticamente inovadora e revolucionária, efeméride imortal pelas suas consequências”. E que nos legou exemplos de bravura, dedicação e amor à Pátria, de cumprimento do dever a todo custo, do exercício, no ardor da batalha, das qualidades enumeradas na Rosa das Virtudes de nossa Marinha. Os homens que defenderam nosso Pavilhão, alguns com o sacrifício da própria vida, nos servem de exemplo e inspiração até os dias de hoje.



Comemoramos, também, o centésimo trigésimo nono aniversário do Clube Naval, fundado por oficiais do porte de Saldanha da Gama, Batista das Neves e Maurity, visando, como afirmou Didio Costa – “Naquele tempo, os mais destros oficiais sentiram a necessidade de reuniões, nas horas remansosas de folga, para troca de ideias e afetos revendo-se numa sala tranquila de clube.” Nosso Clube tem sido citado como “a Casa dos Homens do Mar” e “Nossa última Praça d’Armas”, e é nosso objetivo que assim continue.

Ainda hoje, a nova Diretoria toma posse, com o propósito de dar continuidade ao profícuo trabalho das administrações anteriores. Nossa plataforma e suas consequentes ações específicas, divulgadas em Boletim, serão régua e compasso para os rumos que iremos adotar, visando não substituir, mas continuar. Este, talvez, seja o segredo do sucesso histórico desta Instituição, num inventário de realizações que se desdobram aqui e se multiplicam ali. E, para atingir esses objetivos, conto com a dedicação, lealdade e profissionalismo dos funcionários do Clube, em todos os seus setores, e dos membros de minha Diretoria.

Quero agradecer a honrosa presença do Sr. Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Marcos Sampaio Olsen, distinção que mostra a tradicional e correta ligação de nosso Clube com a Marinha do Brasil. Da mesma forma, devo prestar uma especial homenagem ao ex-Ministro da Marinha Alte Mauro César, de quem sempre recebi apoio e consideração, e que muito nos honra presente nesta solenidade. Vejo, com alegria e reconhecimento, os ex-Comandantes da Marinha Almirantes de Esquadra

Moura Neto, Leal Ferreira e Ilques, Chefe, ex-subordinados e colegas de Almirantado. Agradeço as também honrosas presenças dos membros do Almirantado e os saúdo na pessoa do Almirante de Esquadra Cunha, Chefe do Estado-Maior da Armada. Registro a presença dos ex-Presidentes do Clube Naval – Almirantes Wollstein e Veiga Cabral – sempre bem-vindos ao Clube com o qual muito contribuíram.

E destaco, em especial, a presença dos Presidentes do Clube de Aeronáutica – Brigadeiro Perez, e do Clube Militar – General Sérgio. Tive a oportunidade de participar da última reunião da Comissão Interclubes Militares e reafirmo ser meu firme propósito a manuten-

ção do clima de camaradagem, amizade e compartilhamento de ideias, valores e crenças, que são os fundamentos de nossos Clubes e nos tornam dignos representantes de nossa oficialidade.

Ao encerrar, registro e agradeço a presença de minha querida família, dos Presidentes da Associação Almirante Prado Maia – APRAMA, e das SOAMAR-Brasil e Rio. A todos os oficiais gerais, oficiais, senhoras e senhores aqui presentes, afirmo que o seu comparecimento a esta cerimônia me obriga a um sincero agradecimento, pela certeza do imprescindível apoio nessa singradura que hoje tem início. Um viva ao “Nosso Clube”, à Marinha e ao Brasil! ■

PALAVRAS DO ALMIRANTE OLSEN, COMANDANTE DA MARINHA

Senhoras e Senhores, Boa noite!
Tradicional encontro, traz à memória o espírito de camaradagem, cultuado por “Marinheiros”, a bordo dos navios e organizações militares.

Dia da Marinha, júbilo para a Força Naval, celebrar o centésimo quinquagésimo oitavo aniversário da Batalha Naval do Riachuelo, juntamente com o centésimo trigésimo nono aniversário do Clube Naval. Agradeço à Diretoria do Clube pela honra que me confere ao proferir essas palavras.

Manifesto, inicialmente, cumprimentos à senhora Jéssica de Freitas e Gonzaga da Silva. Bela alocução, revisitou, com singular propriedade, fatos históricos que marcaram a construção de um Brasil livre e soberano. Prisca época, a Força Naval arranhou-se para responder aos anseios legítimos do povo brasileiro. Verdadeiros “Heróis-Marinheiros”, ofereceram suas vidas em prol da causa mor, naquele 11 de junho de 1865.

À época, havia no Império uma falsa percepção das ameaças. Pouco se acreditava na contingência de o Brasil entrar em conflito. Tal fato corrobora, diretamente, a inadequação dos navios e as severas restrições impostas às condições de eficiência da Esquadra brasileira.

Ao ordenar “Preparar para o combate!”, o Almirante Barroso convoca-nos à reflexão sobre a disposição do Estado pagar preço alto por descuidar da Defesa. A guerra, quando assola o porvir de uma Nação, não oferece benesses à preparação tardia ou à improvisação por sua Força Naval.

“A nulificação da Marinha é, portanto, projeto e começo do suicídio”. Rui Barbosa transcende assim a necessidade do olhar recorrente para a importância do mar no destino de uma Nação. Denota, também, a significância da prontidão operacional de uma Marinha para o Estado. Dispor de uma Força Naval crível, desde os tempos de paz, não é algo frívolo. É, unicamente, não submeter os desígnios do seu povo a interesses estranhos.

A conjuntura geopolítica contemporânea desponta crescente inserção político-estratégica do Brasil no Concerto das Nações. O acirramento de tensão na relação entre Estados e a presença de ameaças variadas à soberania, em especial, no ambiente marítimo, implicam que o Estado brasileiro não se deixe seduzir pela suposta ideia de um pacifismo unilateral. A perpetuidade da paz é condição ilusória e equivocada.



Vivencia-se, na atualidade, cenário ainda mais desafiador que em Riachuelo. Nações articulam incremento substancial dos respectivos gastos em Defesa. O emprego de tecnologias sensíveis na construção de equipamentos militares é exponencial. Aqueles que ainda hoje negligenciam investimentos nas Forças Armadas brasileiras, censurando expensas em programas e exercícios militares, serão rijos na cobrança do êxito ou na crítica ao fracasso, caso o Brasil venha facejar conflito real.

A Marinha é corresponsável pela destinação precípua de “Defender a Pátria”. Suas atribuições constitucionais implicam: o preparo e emprego do Poder Naval na acepção de sua atividade-fim; a atuação sob a égide de organismos internacionais ou em apoio às ações do Estado; e alcançam atribuições subsidiárias adjudicadas à Autoridade Marítima, ademais de contribuir para o desenvolvimento nacional.

A Política e a Estratégia Nacional de Defesa, documentos públicos condicionantes de Alto Nível, pavimentam o caminho para a Defesa que o Brasil almeja. Aprazam o Atlântico Sul fulcro do entorno estratégico brasileiro. Trata-se de extensa área marítima, reserva econômica estratégica para as gerações futuras de brasileiros. Ao tempo que se presta à porta de entrada à pirataria; ao terrorismo; aos crimes transnacionais; às ações cibernéticas hostis; e à exploração ilegal de recursos naturais; que perfaz ambiente operacional complexo e instável.

A constante reflexão acerca do ambiente operacional; a atenção às ameaças multiface; a análise pormenorizada dos Objetivos Navais, minuciosamente delineados na Política Naval; bem como a importância da consecução proficiente dos Programas Estratégicos para a Marinha e para o Estado brasileiro, são sempre oportunas. Contribuem para navegação em proa segura, rumo ao eficaz preparo e emprego da Marinha no presente e a obtenção das capacidades operacionais necessárias à construção de uma Força Naval moderna, aprestada e motivada no futuro.

Sob esse prisma, oportunamente, o Clube Naval elegeu o tema “Marinha do Brasil: Rumo a 2040”, para a edição do concurso “Almirante Jaceguay”, em 2023. Registro, aqui, cumprimentos ao autor do trabalho vencedor, o CC (EN) Marcelo de Oliveira Predes, na pessoa de sua esposa, a CC (IM) Pauleniza de Castro Predes, que, aqui, o representa.

Ciosos dos exemplos de um passado de glórias. Inspirados pelos sinais: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!” e “Sustentar

o fogo que a vitória é nossa!”, que ecoam desde a vitória em Riachuelo, Marinheiros, Fuzileiros Navais e Servidores Civis permanecem incansáveis na lida diária para construir uma Força Naval compatível com a estatura político-estratégica do Brasil.

Honram, portanto, o legado de feitos e princípios deixados por aqueles “Marinheiros” que nos antecederam. A exemplo do Almirante Luiz da Cunha Moreira, prógono Ministro e Secretário dos Negócios da Marinha, Prócere Naval que forjou as bases da Esquadra Imperial, por ocasião da Campanha da Independência. Neste ano, homenageado como tema do Concurso “Marquês de Tamandaré”. Manifesto, então, felicitações ao CF (RM1-T) Mário Roberto de Souza Lima pelo êxito alcançado com seu trabalho.

Dirigindo-me ao final dessas palavras, cumprimento, uma vez mais, o Clube Naval por emprestar valioso espaço à discussão de temas tão caros à Marinha, em sua dualidade. Fortalece, com isso, as iniciativas da Força Naval que buscam inserir as questões que envolvam o mar e águas interiores na agenda pública de segmentos outros; e amalgamar a importância de o Estado dispor de uma Marinha com alto grau de independência tecnológica e efetiva capacidade de infligir danos.

Reitero cumprimentos ao Almirante de Esquadra Luiz Fernando Palmer Fonseca, juntamente com sua Diretoria, pelo resultado excelso alcançado no biênio 2021-2023, ao atuar como interlocutor de prestígio para consolidação de valores, tão caros à Instituição, no âmago do cidadão brasileiro; e pela notável sabedoria e serenidade ao externar as inquietudes que, ocasionalmente, assomaram ao corpo social do Clube.

Ao Almirante de Esquadra João Afonso Prado Maia de Faria, Chefe Naval de reconhecida competência e provecto “Marinheiro”, bem como à Diretoria eleita para o biênio 2023-2025, auspícios de bons ventos na derrota a percorrer, com os mares que vierem. Convicto que coligem os predicados necessários ao pleno êxito na condução desse valoroso Clube.

Por derradeiro, na pessoa do Almirante de Esquadra Alfredo Karam, bom companheiro e belo amigo, exímio “Marinheiro”, registro especial preito de gratidão aos ex-Ministros e ex-Comandantes da Marinha presentes nesta Sessão Magna. Ínclitos Chefes Navais que, com sobeja sabedoria e assessoramento resolutivo, conduziram a Força Naval até aqui. Exemplos de escol para o Comandante e tripulação da Marinha do Brasil.

Tudo pela Pátria e pela “Invicta Marinha de Tamandaré”! ■